

Economia Brasil: Basta inverter o lema

FRANCISCO BARBOSA

O País perdeu, com o governo Collor, mais uma oportunidade de desinflacionar expandindo a economia. As condições herdadas permitiam. A economia crescia enquanto o déficit público alto inflacionava. Mas condições recessivas — estoques altos demais e baixa liquidez — não ameaçavam.

Atacando o déficit público e deixando correr livres as atividades, a inflação cairia, sem recessão. Poderia até aquecer mais, dando o estímulo aos investimentos. O aumento de impostos não prejudicaria. Pagariam por meio de impostos o que pagávamos antes pelas emissões de moeda e expansão monetária. Cortes de despesas desnecessárias no governo seriam ganho líquido da comunidade.

Mas, em lugar de "continuar crescendo para desinflacionar", o governo preferiu "vencer a inflação para crescer". Errou. Fez arrocho na demanda, bloqueando poupanças e capital de giro das empresas, e desarmou a oferta. Fez recessão. A recessão desabasteceu e desmantelou as arrecadações. A crise financeira dos Estados e municípios, que é déficit público, veio daí.

Tínhamos um fator inflacionário fortíssimo, o déficit público, e o governo nos premiou com mais um, o desabastecimento.

— Por ai não vai dar, presidente. Não deu antes, pior agora. Sem reabastecer e sem controlar em definitivo o déficit, a inflação não cairá. Não crescendo, não haverá reabastecimento nem se rearranjarão os orçamentos oficiais. Sem crescer, não existirá sequer produto para programas assistenciais.

Dificuldades para crescer não haverá. Nenhum esforço ou programa especial será necessário. Nem mesmo uma assessoria. O desabastecimento inflaciona, mas reaquece. Leva à aceleração dos negócios e à recuperação. Tivemos notícias de vendas espétaculares de empresas já em janeiro. Embora algumas empresas tenham se apresentado em dificuldades, isso não invalida a observação, porque setores entram na



crise e saem dela em etapas ligeiramente diferentes.

O que é preciso fazer é o mais fácil: é fazer nada. Basta assegurar que o governo se isentará e a recuperação logo se instalará. O reabastecimento se fará rápido, porque há recursos ociosos.

Sem investimentos o País não cresce, dizem, e hoje não há estímulos para investir. Mas, com capacidade cheia e lucros bons, as empresas investirão mesmo que o governo não queira. Crescer dentro da capacidade é condição para fazer a capacidade crescer. Basta, portanto, deixar crescer. Com o crescimento, os salários comprão mais.

— Presidente, mude o lema. Em lugar de "desinflacionar para crescer", adote "crescer para desinflacionar". Não é mudar muito. É só inverter. E deixar correr.

Se a economia crescer, teremos inflação. Mas logo depois, com mais oferta, a tendência é de a inflação cair. Sem crescimento, teremos inflação mais duradoura, além do empobrecimento.

— O problema número um do povo, presidente, não é inflação, como lhe contaram. É a recessão. Sem recessão, sem desemprego e com inflação, dá para viver. Com recessão e desemprego, fica pior. É muito mais fácil ir à hiperinflação com recessão que com expansão. Afinal, a hiperinflação é que acompanha a hiper-recessão, e não o contrário. Sarney provou isso. A 80% de inflação ao mês, a economia crescia.

Congelamento ou controle de preço é "fria". O governo fixa preços, as empresas decidem as quantidades, diz a teoria. A preços não compensadores, e sob o efeito Tuma, as quantidades tenderão a zero. Entre cadeia e parar de produzir, é melhor parar. E parar é o pior. O congelamento promove estocagem. A estocagem — havendo desabastecimento e produção desarticulada ou parada — infernizará.

O congelamento desmantela a distribuição. Cria desbalanceamento geral dos estoques de economia, com grande perda da eficiência produtiva. Sem margens de lucro, o varejo não compra. Alguns setores da produção são forçados a recorrer às exportações, desabastecendo ainda mais.

— Presidente, mude só um pouco: inverta o lema.

□ Francisco Barbosa, economista, é estrategista de investimento do Citibank Private Bank